

## 1 – Quem é Jonas?

Uma informação exata é difícil, pois as informações que a Bíblia nos traz são contraditórias, e os cientistas bíblicos não conseguiram chegar a quase nenhum acordo. Na Bíblia, o livro de Jonas está localizado entre os profetas menores, mas sem dúvida não trata de uma literatura profética, mais adiante veremos por quê. “Jonas, filho de Amitai” (Jn 1,1) é um indício importante para nos informar sobre a data dos acontecimentos. A passagem de 2Reis 14,25 refere-se a um profeta do mesmo nome que profetizou durante o reinado de Jeroboão II (783-753 aC). Poder-se-ia supor que essas duas passagens referem-se à mesma pessoa, contudo alguns estudiosos datam a elaboração do livro da época pós-exílica.

## 2 – Os medos de Jonas, nossos medos

### 2.1 – O chamado e a fuga

A palavra d’Aquele que É<sup>5</sup> chega até Jonas. E lhe diz: “Levanta-te, desperta, vai a Nínive, a grande cidade, prega nela que eu tenho consciência de sua maldade”... E Jonas levantou-se para fugir para Társis, para longe da face d’Aquele que É. Ele desce a Jope, onde encontra um barco partindo para Társis. Ele paga a sua passagem e desce ao interior do barco, partindo com os outros passageiros a Társis, fugindo da presença d’Aquele que É.

O nome Jonas, em hebraico *Yonah*, quer dizer “a pomba”. A pomba pode significar Israel (Os 7,11; 11,11; Sl 74,19). A pomba tem um valor simbólico para o Primeiro Testamento. Ela é a mensageira da boa-nova a Noé durante o dilúvio. Sendo assim, o autor pode estar querendo dar um sentido simbólico ao livro. Jonas seria a personificação do povo de Israel. Poderíamos ver em Jonas não só uma pessoa, mas um povo, ou parte dele. Jonas é o povo que é convidado a ficar de pé e ir até o inimigo, mas prefere ficar deitado, fugir, pois a sua vida já lhe basta.

O nome do pai de Jonas é Amati ou Amitai, que quer dizer “Verdade” ou “Fidelidade”<sup>6</sup>, portanto em Jonas temos um sonho do autor, de que Israel, o povo amado, deveria ser o mensageiro da boa-nova de Deus a outras nações; este seria o grande sinal de sua fidelidade à aliança para com Javé.

A palavra d’Aquele que É a Jonas é uma ordem: “Levanta-te. Desperta, vai...” A palavra de Deus coloca as pessoas em movimento, com intuito de interferir na história de outras pessoas ou da humanidade. Vale lembrar que para o hebraico a palavra usada para dizer *infelicidade* é o mesmo que *estar parado*: quem está parado está morto, como ossos secos (Ez 37). O chamado de Deus tende a colocar em movimento, ou seja, no caminho da felicidade.

5. Tradução para o nome de Iahweh.

6. KILPP, Nelson. *Jonas*. Vozes/Sinodal: Petrópolis, 1994.

Jonas, porém, prefere outro caminho: foge da presença d'Aquele que É. Vai a Jope<sup>7</sup> e toma o barco para Társis. Társis é, na época, uma colônia fenícia, no litoral atlântico do sul da Espanha (Sl 72,10; Is 66,19; Jr 10,9; Ez 27,12). Para um judeu, ir a Társis é como ir a uma praia passar umas férias. A respeito dessa fuga, Jean-Yves Leloup afirma: “Jonas, num primeiro momento, é o arquétipo do homem deitado, adormecido, do homem que não quer se levantar e não quer cumprir missão alguma. É o arquétipo do homem que foge, que foge de sua identidade, que foge de sua palavra interior, que foge da presença d'Aquele que É. Esta fuga de sua voz interior vai provocar um certo número de problemas no exterior dele mesmo.”<sup>8</sup>

Poder-se-ia perguntar: qual o medo de Jonas? Pode ser que ele não queira assumir o projeto de Deus, ou então como Deus pede a ele, judeu de um povo escolhido, para anunciar a um povo “pagão”? E ainda por cima um povo inimigo?

Dentro desse tema da fuga de Jonas é que a psicologia vai desenvolver o complexo de Jonas, o que trabalha os medos e suas conseqüências. Neste primeiro momento, Jonas se torna um arquétipo, ou seja, um modelo para analisar as pessoas. Em uma música o cantor Fagner ilustra esse processo de fuga: “Quando a gente tenta / de toda maneira dele se livrar / sentimento ilhado morto e amordaçado / volta a incomodar”. Esses sentimentos ilhados provocados pela fuga voltam para as pessoas em forma de neurose e depressão. Neste sentido o texto de Jonas é um modelo para ajudar na cura das pessoas.

O medo paralisa as pessoas, não permitindo que elas ajam por si mesmas, por isso procuram a fuga e logo caem na crise, na escuridão. Neste sentido, a maioria das pessoas em nossa sociedade prefere procurar o que ameniza, o que ajuda a fazer de conta que está bem. Aqui entra a Igreja, na medida em que ela serve para alimentar as fugas. Quando não é a Igreja, procuram as drogas, boates e bebedeiras.

Em uma música, Renato Russo<sup>9</sup> afirma: “Quando tudo está perdido / sempre existe um caminho / quando tudo está perdido / sempre existe uma luz”. O compositor tem consciência de que não adianta fugir. Ele traz uma interessante contradição (quando tudo está perdido sempre existe um caminho). O caminho não faz parte de uma lógica racional, mas faz parte de que se está perdido. O caminho de Jonas é o povo pecador de Nínive. Jonas é enviado para ser luz para o caminho daquele povo, mas ao mesmo tempo aquele povo é luz para Jonas. Sem essa relação com o outro, Jonas não pode ser<sup>10</sup> uma pessoa plena, pois foge de si mesmo, gerando com isso uma imensa crise e

7. Jope era um importante porto marítimo da região do Mediterrâneo oriental, fundamental para a região ao redor, especialmente para Jerusalém.

8. LELOUP, *op. cit.*, p. 29.

9. Vocalista e compositor da Ex-Banda Brasiliense Legião Urbana.

10. Ser: dimensão total da pessoa humana. No ser se revela também o inconsciente humano, lugar do encontro que é finito e infinito. Não é à toa que São João apresenta Jesus se proclamando como *Eu Sou*. São João quer afirmar com isso a dimensão plena e infinita do ser de Jesus.

conflito, que não ficam só em si, mas ao mesmo tempo prejudicam as outras pessoas, pois todos estão no mesmo barco. É a tempestade.

## 2.2 – A tempestade

Então Aquele que É lançou um grande vento sobre o mar. E houve uma tempestade tão grande que todos pensavam que o barco ia naufragar. Os marinheiros tiveram medo e rezaram, cada qual a seu deus [...]. Entretanto, Jonas tinha descido ao porão do navio e ali se deitou, dormindo um profundo sono. O capitão foi procurá-lo e lhe disse: “Como podes dormir tão profundamente? Como podes dormir no meio deste desespero que nos faz sucumbir? Levanta-te, desperta, invoca teu Deus. Talvez Deus se lembre de nós e não pereceremos.”

Neste capítulo, a primeira informação interessante é que Deus lança o vento sobre o mar provocando a tempestade. De repente o autor quer mostrar ao leitor uma cena irônica e de humor, própria da literatura judaica. Ele quer mostrar que o Deus dos judeus é maior que os outros deuses. De fato, a tempestade não é nenhuma coincidência.

A tempestade é ressaltada no texto como sendo de origem divina, colocando o sujeito, Aquele que É, bem no início da oração, invertendo a costumeira ordem frasal da cultura hebraica: verbo-sujeito<sup>11</sup>.

Javé continua a caminhar com Jonas mesmo fora da Palestina e, à medida que Jonas foge, Javé envia um “grande” vento que provoca a tempestade. Javé é apresentado como um personagem sempre em ação. Aqui temos bem aparente a sabedoria de Israel que apresenta um Deus presente na história e mesmo como alguém agindo por detrás do palco. Sua história se mistura com a história humana, deixando um argumento bem claro ao leitor: não se pode fugir de Deus.

A tempestade é símbolo do medo, das crises e dos conflitos causados pela fuga. A frase que cito acima do Renato Russo está em um CD chamado “Tempestade”. Neste CD o compositor reúne canções de conflitos pessoais e sociais. Renato Russo demonstra uma grande sensibilidade e, sem dúvida, trabalha um aspecto importante da teologia: a espiritualidade do conflito. Eis algumas frases em que o cantor demonstra como a tempestade ocorreu em sua vida e na vida da humanidade:

- “Sempre precisei de um pouco de atenção. Acho que não sei quem sou, só sei que não gosto, desses dias tão estranhos fica poeira se escondendo pelos cantos. Esse é o nosso mundo, o que é demais nunca é o bastante...”
- “Deve haver algum lugar onde o mais forte não consegue escravizar quem não tem chance. De onde vem a indiferença, temperada a ferro e fogo”.
- “Até bem pouco tempo atrás poderíamos mudar o mundo, quem roubou nossa coragem. Tudo é dor e toda a dor, vem do desejo de não sentirmos dor”.

11. ALEXANDER. T. Desmond. *Série Cultura Bíblica*. São Paulo, 2001, p. 116-117.

– “Quem me dera, ao menos uma vez, que o mais simples fosse visto como mais importante e nos deram espelhos e nos vimos num mundo doente. Quem me dera, ao menos uma vez, como as mais belas tribos, dos mais belos índios, não ser atacado por ser inocente.”

“Lançaram a carga do navio ao mar.” A tática dos marinheiros é deixar o navio mais leve. Aqui o autor faz uma ironia, pois no começo da frase Deus “lançou” um grande vento sobre o mar, os marinheiros tentam “lançar” algumas coisas sobre o mar, a fim de salvar o barco, mas nada adianta.

“E Jonas dormia profundamente.” Jonas aparece insensível aos acontecimentos, ele não percebe o temporal e nem sabe da aflição dos demais presentes no navio, é uma pessoa fora do estado de consciência. “Jonas representa o homem que adormece a sua consciência, que não quer saber, que não quer conhecer e que desce ao fundo da rejeição à sua consciência, na profundidade dele mesmo.”<sup>12</sup>

O cochilo de Jonas é interrompido pelo capitão: “como podes dormir profundamente?” Outra tradução possível é: “que se passa contigo?” A frase do capitão a seguir é: “levanta-te, desperta, invoca o teu Deus”. O autor faz uma jogada nesta frase do capitão, pois Jonas está ali exatamente para fugir da presença de Deus, e o comandante que nem é judeu o convida a invocar o seu Deus. Parece até que o capitão é um mensageiro de Deus enviado a Jonas para despertá-lo a assumir sua missão. “O comandante pagão chama Jonas a assumir, pelo menos, a tarefa de um ser humano comum: interessar-se pelos problemas que afligem o grupo ao qual se está ligado.”<sup>13</sup>

### **3 – Mergulho no EU: cuidar do ser**

#### *3.1 – A consciência do problema*

E eles disseram: “Diz-nos agora, de quem é a culpa deste mal que se abate sobre nós? Quem és tu? De onde vens? Qual o teu povo?” Jonas responde: “Eu sou um hebreu. Eu temo Aquele que É, o Deus do céu que fez o mar e a terra”. Os marinheiros tiveram medo e lhe perguntaram: “O que tu fizeste? Por que fugiste?” E lhe disseram: “O que devemos fazer contigo para que o mar cesse de se levantar contra nós?” Jonas lhes disse: “Peguem-me e lancem-me ao mar”.

Após lançarem os dados, a sorte cai sobre Jonas. Logo em seguida os marinheiros fazem diversas perguntas a Jonas: a primeira diz respeito ao motivo da situação que estão passando. Eles querem saber de quem é a culpa. As demais perguntas despertam Jonas para a sua identidade, o retorna para suas origens, são questões essenciais da existência humana: Quem sou? De onde vim?

12. LELOUP, *op. cit.*, p. 30.

13. KILPP, Nelson. *Jonas*. Vozes/Sinodal: Petrópolis, 1994, p. 54.

Em um encontro, um jovem me dizia: “Se estou em crise, é porque estou perdido, desorientado. Se alguém chega e me faz estas perguntas que fizeram a Jonas, obrigatoriamente voltarei para mim, pensarei em mim.”

A resposta de Jonas às perguntas é: “Eu sou um hebreu”, que na língua semita significa: eu estou de passagem, eu sou um peregrino sobre esta terra. Essa resposta expressa a tomada de consciência de Jonas de quem ele é: *passageiro sobre esta terra*. Daí não adianta fugir, pois o Deus em que ele crê caminha com ele e com o povo.

Por fim Jonas toma consciência de que ele é o problema e que com sua atitude de fuga atingia os demais. “Peguem-me e lancem-me no mar.” Sobre essa frase, Leloup afirma: “Eu creio que esta é uma grande etapa num caminho transpessoal. O reconhecimento das nossas resistências, nossos medos, nossas dúvidas, nosso cansaço, o desejo de ser simplesmente humano, de viver simplesmente sua vida em sociedade, sem falar em Deus, sem falar do Absoluto. E, infelizmente, não conseguimos dormir bem. A inconsciência não é a paz, e no coração da nossa inconsciência<sup>14</sup> existe uma voz interior que nos convida a levantar, a nos tornarmos nós mesmos. Para tornar-nos nós mesmos precisamos ser capazes de ir ao outro. O outro é o diferente. Algumas vezes é o inimigo, é Nínive.”<sup>15</sup>

### 3.2 – Jonas é jogado ao mar e engolido pelo grande peixe

Então eles pegaram Jonas e o lançaram ao mar. E o mar acalmou a sua fúria. Estes homens sentiram um grande temor, realizaram atos sagrados e se inclinaram na presença d’Aquele que É. Neste momento Aquele que É determinou que surgisse um grande peixe para engolir Jonas. E Jonas esteve nas entranhas do peixe três dias e três noites.

Os marinheiros lançam Jonas ao mar, tendo tentado antes outras formas, para não ser necessário sacrificar um homem. Jurídica e teologicamente, este fato está correto, pois muitas vidas foram salvas. O curioso desse texto é toda a preocupação com a vida de Jonas dos presentes na embarcação. Antes de lançá-lo ao mar ainda oraram a Javé.

No texto temos um movimento e um jogo entre as palavras medo e temor. São duas palavras diferentes: o medo é o que paralisa, causa terror, já o temor é uma confissão de fé. A tripulação passa do medo ao temor a Javé. Segundo Alexander<sup>16</sup>, temos a seguinte estrutura:

Os marinheiros tiveram medo (v. 5)

Os homens foram tomados por um grande temor (v. 10)

Os homens temeram com grande temor a Javé (v. 16)

14. JUNG, C.G. *O eu e o inconsciente*. Vozes: Petrópolis, 1997.

15. LELOUP, *op. cit.*, p. 31.

16. ALEXANDER, T. Desmond. *Série Cultura Bíblica*. São Paulo, 2001, p. 117 e 122.

Poderíamos ter como centro desse capítulo o tema temor:

- 1 Narrativa e tema do “temor”: v. 4-5a
- 2 Oração dos marinheiros: v. 5b
- 3 Narrativa v. 5b.c.6a
- 4 Fala do capitão v. 6a.b
- 5 Fala dos marinheiros v. 7a
- 6 Narrativa v. 7b
- 7 Fala dos marinheiros v. 8
- Centro *Confissão de Jonas e o tema do “temor” v. 9-10a*
- 7<sup>1</sup> Fala dos marinheiros v. 10b
- 6<sup>1</sup> Narrativa v. 10c
- 5<sup>1</sup> Fala dos marinheiros v. 11
- 4<sup>1</sup> Fala de Jonas
- 3<sup>1</sup> Narrativa v. 13
- 2<sup>1</sup> Oração dos marinheiros v. 14
- 1<sup>1</sup> Narrativa e tema do “temor” v. 15-16a

Quando Jonas é jogado ao mar, o mesmo se acalma. O mar pode significar o mergulho em sua profundidade, em seu inconsciente. Nesse momento, Jonas assumiu encarar a situação de frente. O texto diz que é Deus quem vai determinar que o grande peixe engula Jonas. Neste ponto o texto mostra o Deus que comanda céu, mar e até os animais, e mais que isso: Deus providencia o mergulho de Jonas no mais profundo. A este mergulho Leloup<sup>17</sup> diz: “Jonas é para nós o arquétipo daquele que se torna responsável pelo que lhe acontece e acontece aos outros e que aceita saltar para o desconhecido, mergulhando no mais profundo de si (inconsciente). Porque talvez seja mergulhando em seu inconsciente, atravessando a sua sombra, que a luz poderá vir a ele e aos outros.”

### 3.3 – Jonas é vomitado pelo grande peixe: consciência do ser

Nas entranhas do peixe Jonas rezou a Aquele que É, de quem não podia mais fugir, e disse: “eu te chamo, ó Tu que És, em minha tribulação. Do ventre do inferno eu grito por ajuda. Eu sei que Tu escutas a minha voz, Tu o silencioso, o além de tudo. [...] Do fundo do inferno, eu quero agora cumprir o que Tu me mandaste fazer”. Então Aquele que É ordenou e o grande peixe vomitou Jonas em terra firme.

Na continuidade temos o fim do movimento de descida. Primeiro Jonas desce a Jope para fugir da presença de Javé (v. 3), depois já no navio desce para o fundo onde

<sup>17</sup> LELOUP, *op. cit.*, p. 32-33.

dorme profundamente (v. 5b), e agora, por último, na barriga do grande peixe ele desce às profundezas do inferno (v. 3-4). Na tradição judaica bíblica, este movimento de descer para subir é muito freqüente. Em Ex 3,1-13, Deus ouve o clamor do povo e desce, a fim de fazê-lo subir da escravidão do Egito. No segundo testamento, Paulo narra o mesmo movimento em Fl 2,6-11; é o canto cristológico, onde Cristo desce da condição divina à condição de homem, depois à de escravo e por fim à da morte de cruz, descendo ao mais profundo: o vale da morte, e Deus foi com ele, a fim de fazê-lo subir ao que há de mais alto. Jesus só pode ir ao alto porque foi ao mais profundo. Deus está em toda parte e resgata a humanidade, portanto não há como negar a necessidade de ir ao mais profundo. No Salmo 139,7-8 temos essa descrição: “Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se eu subo aos céus, lá estás; se faço minha cama no mais profundo abismo, lá estás também.”

Outros elementos que comprovam este movimento das profundezas na relação com Deus são os salmos onde Israel, em meio a grandes conflitos, clama a Javé do fundo da angústia. Temos para tanto os Sl 22; 61; 69; 77; 88; 130. É muito comum a seguinte frase: “De minha angústia clamei a Javé, e ele respondeu”.

“Jonas permanece no ventre do peixe por três dias.” O ventre do peixe nos conduz a um significado simbólico, pois o ventre é gerador de vida. Jonas precisa ser gerado, a fim de parar de fugir da voz d’Aquele que É, da voz de si mesmo. Quem vive fugindo de si mesmo, no fundo não vive, está morto, só que não se deu conta disso. A esse respeito Nelson Kilpp faz a seguinte afirmação: “A estada de Jonas nas entranhas do peixe é entendida como a permanência nas entranhas da terra. O ventre é identificado como o túmulo. Mas o ventre não designa meramente o fim de uma vida. O útero é também promessa de vida nova. O sinal de Jonas<sup>18</sup> no peixe parece ter, portanto, o significado da morte que é pré-condição para uma vida nova.”

Em uma entrevista, a senadora Heloísa Helena, por conta da acusação de ACM de ela ter votado a favor do Luiz Estêvão, disse a seguinte frase: “Desci ao fundo do poço, estou bem próxima do inferno, não tenho nada a temer, quero a verdade custe o que custar”. O estado mais profundo da angústia é o estágio de maior lucidez, onde não existem mais máscaras. Estamos frente a frente conosco, vemos face a face as nossas fraquezas e limitações. São João da Cruz vai definir este estágio como a noite escura. A noite escura é o processo de mergulho em si mesmo reconhecendo seus medos e os vencendo, a fim de ouvir a voz d’Aquele que É<sup>19</sup>.

A frase da senadora nos coloca num estágio místico, a verdade no ser absoluto; esse é o caminho feito por Jonas. Ele está no mais profundo de sua angústia. Em meio a isso ele lembra-se de Deus, e de sua missão, volta às origens e decide não mais ter medo, toma consciência do *ser* que é, aceita cuidar dos outros, ir onde Deus o envia. Neste momento o peixe o vomita, ele nasce de novo.

18. Ver também Mt 12,38-42; Lc 11,29-32.

19. STINISSEM, Wilfried. *A noite escura em São João da Cruz*. Edições Loyola, 1996, p. 11-15.

## 4 – Assumindo a missão: cuidar do outro

### 4.1 – O anúncio a Nínive

Assim, aconteceu que a palavra d’Aquele que É chegou de novo a Jonas: “Levanta-te, desperta. Vai a Nínive, a grande cidade, e faze-lhes escutar a pregação que Eu te digo”. Desta vez, Jonas levantou-se e foi a Nínive, seguindo as ordens d’Aquele que É [...].

O chamado a Jonas se repete como em 1,1, só que desta vez Jonas atende a ordem de Deus, ele não tem mais medo, pois sabe que não pode fugir. Ele levanta-se e vai a Nínive.

Nínive localiza-se na margem oriental do rio Tigre, ao norte do atual Iraque, a cerca de 900 km de Jerusalém. Ela se tornou, depois de Assur, a segunda capital do Império Assírio. Nínive era de aproximadamente 4,5 km de largura por 5,5 km de extensão.

Por ser capital do Império Assírio, Nínive é inimiga dos judeus. Podemos até de certa forma entender o medo de Jonas: como um judeu pode profetizar a outro povo? O que irão pensar os outros judeus sabendo a quem Jonas dirigiu a sua profecia?

O termo “quarenta dias” pode ser entendido dentro do simbolismo que esse número representa para Israel; já os três dias para atravessar a cidade podem ser um exagero literário para dizer ao leitor que a cidade é muito importante para a época, ou podemos voltar ao sentido de Jonas por três dias dentro do peixe. Esses dias foram suficientes para a sua mudança de vida, o mesmo acontecerá com o povo de Nínive.

Jonas tem que fazer o movimento de ir ao outro, ao inimigo, anunciar-lhe a boa-nova. Ele só pode se conhecer enquanto pessoa na medida em que assume a missão e vai até o outro, assume a sua autenticidade como pessoa e já não tem mais medo. Os outros podem pensar o que quiserem, o importante é não fugir mais.

Ele anuncia a destruição da cidade. Nínive deve colher o que está plantando, a violência é resultado de um conjunto de ações injustas e opressoras. Nínive, por ser má, deve ser destruída com a mesma violência. Jonas de certa forma está feliz por anunciar a destruição de Nínive. Na sua cabeça, isso é a justiça necessária. Muitas vezes somos assim, ficamos felizes em ver as pessoas sendo castigadas; há algo de impiedoso aí. Devíamos ter compaixão e ser misericordiosos.

### 4.2 – A conversão dos ninivitas

O povo de Nínive, escutando essas palavras, creu no que Jonas anunciava, e ordenaram um jejum, vestiam-se de sacos, desde o maior até o menor. E neste dia eles ficaram todos iguais, não havia ricos nem pobres. Quando esta nova chegou ao rei, ele levantou-se do seu trono, despojou-se de suas roupas reais. E todos viram que, sob a coroa, o rei estava nu. Ele estava da cor da pele, como todos os outros. Ele se cobriu apenas com o saco e sentou-se sobre as cinzas [...] Aquele que É viu o que se passava, viu que o povo se convertia e o mal, que devia acontecer, não aconteceu.

Algo inesperado acontece: o povo se converte! Como sinal disso proclama-se um grande jejum. Fazer jejum é penitência, é voltar para a sua verdadeira natureza, mas a penitência só é verdadeira seguida dos desapegos das coisas; neste caso toda a população veste sacos de panos. O rei além de vestir sacos sentou-se sobre as cinzas. Mais uma vez temos o movimento de descida.

Sentar sobre as cinzas significa voltar às origens, pois da terra viemos e à terra voltaremos. O jejum é uma forma de vermos a nossa fragilidade humana a fim de nos livrarmos da prepotência para viver de forma mais humilde. Jean-Yves Leloup afirma: “A humildade é muito importante na tradição antiga. A humildade é a realidade. É ser aquilo que se é, nem mais, nem menos. Porque é orgulhoso crer-se pior do que se é. Portanto a humildade é a verdade, é *ser* o que se é. E a palavra húmus quer dizer terra. Uma pessoa humilde é uma pessoa que se aceita como terra, como argila. Como a palavra *Adama*, da qual vem Adão, quer dizer terra vermelha, terra ocre. Portanto, *ser* humano é se aceitar terra. Os ninivitas, na riqueza do seu espírito, de suas concepções, talvez tivessem se esquecido de que eram terra.”<sup>20</sup>

Outro grande significado é o fato de todos se tornarem iguais: não há diferença entre ricos nem pobres, até os animais entram na penitência, mostrando aqui a dimensão mais holística do texto. A conversão só é verdadeira se há uma mudança por completo, deixamos uma classe privilegiada para assumir a causa dos pobres. Assim fez Francisco de Assis: ele não só se converteu a Deus, como também mudou de classe, deixou a que oprimia para viver livre, deixou a riqueza e abraçou a irmã pobreza.

## 5 – Deus de ternura e misericórdia

Mas Jonas ficou muito irritado e se encolerizou, porque o mau deve perecer, a justiça deve ser feita ao injusto, e dirigiu-se ao Senhor: “Senhor, não era isto que eu tinha previsto, que Tu és um Deus injusto, que não punes os maus. É por isso que eu fugi para Társsis, porque eu sabia que Tu és um Deus cheio de ternura e misericórdia, que não amas a cólera e és rico em bondade. Agora, Senhor, eu estou farto. Tira minha vida, porque eu prefiro morrer a viver assim”. Aquele que É disse-lhe: “Será que tu tens razão em ficar irritado?” Jonas não quis escutar mais nada. E foi embora, novamente, para longe do seu Deus.

O autor poderia terminar o livro no capítulo anterior com a conversão de Nínive, já que é o assunto pelo qual desenvolve a maior parte do livro, porém o autor tem mais um recado: Jonas fica irritado pelo fato de Deus ter perdoado a cidade; ele queria que Deus fosse “justo”, na compreensão judaica de justiça. Jn 3,10 pode ser considerado o centro da mensagem de todo o livro: o Deus de Israel é um Deus misericordioso para todas as nações. A misericórdia não é propriedade de um povo dito eleito.

Jonas quer viver para um Deus de justiça, não para um Deus de misericórdia. Jonas representa a compreensão humana limitada de amor e bondade, de um amor que só é verdadeiro dentro dos padrões e normas. É mais fácil crer em um Deus que castiga e

<sup>20</sup>. LELOUP, *op. cit.*, p. 65.

julga, do que crer em um Deus que ama e perdoa incondicionalmente. Crer num Deus que ama é assumir a minha condição limitada. Quando não consigo isso, produzo uma sociedade desigual. Neste sentido, preciso do Deus que castiga, para jogar para os céus a responsabilidade que é minha: a de fazer um mundo melhor, baseado no amor e justiça.

Numa comunidade da Candangolândia, em Brasília, uma senhora teve o marido assassinado. Todos da Igreja que iam visitá-la, afirmavam: “Deus vai fazer justiça”. Passados alguns meses, fomos rezar o ofício na casa dessa mulher. Após o fim da oração ficamos em sua casa a cantar e contar piadas; em meio a isso, essa senhora se levantou angustiada e perguntou: “Meus filhos, vocês que entendem mais de Bíblia me respondam. Meu marido e sua irmã tinham uma briga de anos e não se falavam. Antes de morrer agonizante no hospital a sua irmã foi pedir-lhe perdão e ele virou as costas e não a perdoou. Vocês acham que o meu marido foi para o inferno?” Essa mulher nos fez essa pergunta em meio a uma grande angústia. Peguei a Bíblia e li a ela Ef 2, depois li a passagem do filho pródigo, e disse a ela: “Com toda a certeza, minha senhora, o seu marido foi perdoado, pois Deus é misericórdia infinita, ele está sendo abraçado e beijado por Deus na eternidade, assim como Deus vai perdoar os que o assassinaram; mas não devemos fechar os olhos para o mal que eles cometeram, pois a justiça deve ser uma condição de nossas comunidades aqui na terra. Essa história de inferno eu não acredito, pois se Deus é amor incondicional, ele nos resgatará mesmo que seja na mais profunda escuridão.” Depois de ter dito isso, essa mulher foi com uma imensa alegria contar isso à sua cunhada.

Acredito que essa história ilustra bem todo o texto acima. A comunidade religiosa pregava àquela mulher o tipo de Deus que Jonas queria seguir (justiça), mas a consequência voltou-se para ela mesma, pois o marido tinha erros “graves”, e a sua libertação só se deu na medida em que passou a ver Deus como amor e misericórdia infinita.

O mestre Eckhart<sup>21</sup> em sua experiência mística vai entrar em contato com a misericórdia de Deus, vai fazer a experiência do uno, do além. Ele afirma: “Imaginem que pudéssemos juntar todas as madeiras que existissem de todos os planetas do universo, e puséssemos fogo. As chamas ainda não dariam uma centelha do que é o amor de Deus”. Por essa imagem apresentada pelo Eckhart, podemos ter uma idéia do tamanho da misericórdia de Deus.

Jonas, porém, insiste, quer ter razão. Para ele o fato de perdoar sem castigo é algo injusto. Jonas ainda não chegou lá em seu caminho, prefere fugir novamente, vai para uma cabana para fora da cidade observar como acabaria tudo aquilo. De certo, ainda tinha esperança de, ao se cumprirem os quarenta dias, ver Nínive sendo destruída.

Jonas se foi. Ele sentou-se ao leste da cidade e neste lugar fez para si uma cabana, para sentar-se à sua sombra, a fim de ver o que aconteceria à cidade. Então o Senhor Deus fez nascer uma planta que cresceu sobre Jonas, para dar sombra à sua cabeça e o aliviar. Jonas teve uma alegria imensa por causa da planta. Mas na madrugada do dia seguinte Deus permitiu a um verme atacar a planta e fene-

21. ECKHART, Mestre. *O livro da divina consolação*.

cê-la. Além disso, quando o sol se levantou, Deus mandou do leste um vento abrasador. O sol batia na cabeça de Jonas e ele pensou que ia desmaiar. Disse-lhe então: “Prefiro morrer a viver assim”. E Deus lhe disse: “Tu fazes bem em te encolerizar a respeito desta planta?” Ele respondeu: “Eu sei bem da minha vida. Eu tenho razão em ficar irado”. Então Aquele que É lhe diz: “Tu tiveste piedade de uma planta que não te custou esforço algum, que nasceu e morreu entre uma noite e outra. E por que eu não terei piedade de Nínive, a grande cidade, onde há mais de cento e vinte mil pessoas que não distinguem sua mão direita da esquerda, que não distinguem o bem e o mal e onde há também muitos animais?”

Jonas aparece irritado e aborrecido, pois o que aconteceu não se enquadra em toda a teologia do povo eleito: graça e misericórdia só para o povo eleito. Jonas não agüenta do fato de Deus se compadecer com o povo inimigo.

Jonas recebe uma lição de Deus. O símbolo vai ser a sombra e a planta. Temos aqui a origem da vida e da morte, pois é Deus que faz nascer a planta, mas ao mesmo tempo é ele quem a faz morrer. Na tradição antiga se acredita que a morte é a outra face da vida. Jonas se preocupa com a planta, pois ela lhe agrada com a sua sombra. Ele está apenas preocupado com o seu ego, consigo próprio. Muitas vezes ficamos tão apegados a nossos pequenos problemas que não somos capazes de perceber a violência e a miséria em que vive o povo.

Um fator bem interessante que o texto nos traz é a afirmação de que Jonas se retirou da presença de Deus e foi para leste ver como terminaria aquilo. Isso nos mostra o descompromisso de Jonas; ele quer ficar distante dos problemas e, pior ainda, torcendo pela desgraça alheia. Deus, porém, está na cidade com os ninivitas, o que podemos perceber no fato de Jonas se retirar da cidade para fugir da presença de Deus. Deus está do lado do povo e não dos que, descompromissados, preferem assistir de fora o que vai acontecer.

Voltando à ligação com a psicologia, Jonas representa os medos: o medo de amar, o medo de ser ele mesmo, o medo da misericórdia, o medo do desejo, o medo da morte. O medo, segundo vemos na carta de São João, é o contrário de amor, porque paralisa, não o ódio como muitos pensavam. É na raiz do medo que está o ciúme, a angústia, a insegurança. Por isso, na história de Caim e Abel, Caim precisa matar Abel. No hebraico a palavra Caim significa “ciúmes”. É o ciúme que mata Abel, é o ciúme que faz com que Jonas deseje a morte aos ninivitas.

O pior de todos os medos é o medo de amar, medo dessa entrega infinita. O medo de amar é a resposta aos maiores dramas da humanidade. Quem ama é livre e perdoa. A esse respeito Jean-Yves Leloup<sup>22</sup> faz as seguintes afirmações:

- “Na raiz de todo o complexo de Jonas, além de todos os medos, nós encontramos o medo de amar. O medo de se perder. Nosso medo da morte é proporcional ao medo de amar. Há uma relação estreita e estranha entre o amor e a morte. Eu penso numa palavra do Cristo, que reencontramos em muitas tradições: ‘Quem

22. LELOUP, *op. cit.*, p. 76-77.

quiser salvar seu Eu, se perderá. Quem perder o seu Eu, por algo maior que o seu Eu, se encontrará, encontrará Ser””.

- “Tudo o que não fazemos por amor, é tempo perdido. Tudo o que fazemos por amor, é a Eternidade reencontrada. A única coisa que não nos podem tirar, a única coisa que a morte não pode nos tirar, é aquilo que doamos”.
- “O grande medo de Jonas é ser misericordioso como Deus. O medo de Jonas é ser Deus. Um Deus que não é apenas justo à sua imagem, que pune os maus e exalta os santos, mas um Deus que faz brilhar o seu sol sobre o ouro e sobre o lixo e que faz descer a chuva sobre os bons e os maus.”

O texto termina com a mensagem de Deus. Não se sabe se Jonas entendeu e aceitou a mensagem, o autor deixa para o leitor a conclusão. Isso é próprio da literatura sapiencial. Podemos entender a mensagem de Deus através de alegorias. O argumento final é: como é que Deus condenaria uma população inteira se ela não sabe distinguir o bem do mal. Sobre isso, Antony de Mello afirma que ninguém comete o mal em *sã* consciência, o estado de *sã* consciência é de uma vida no bem e no amor.

Por fim o grande problema de Jonas está na concepção de Deus, a imagem que ele tinha. Jonas só conseguia ver Deus de forma muito pequena, só quando Jonas está no barco e no fundo do mar é que ele se dá conta de que Deus é maior do que ele pensa. É o Deus que criou a terra e o mar. O texto não diz que Deus criou o céu, terra e mar só para os bons, mas toda a criação está em relação com todos os seres. Imaginem se uma árvore dissesse: “Só ofereço minhas frutas e sombra aos bons”, ela deixaria de ser uma árvore. Sobre Deus não podemos imaginar nada, pois qualquer idéia seria apenas uma distorção do que Deus é. Deus está para além de qualquer idéia. Nisto consiste o mistério de o vermos como amor e misericórdia.

## 7 – Jonas: Reflexo do EU e da nossa sociedade

O texto de Jonas nos ajuda, dentro de uma dimensão psicológica e sociológica, a analisar o nosso jeito de ser e agir. Jonas, num contexto psicológico, representa todos e todas que fogem de sua missão, que preferem não enxergar a realidade e nem comprometer-se com ela. Essa seria uma imagem bem real para a maioria de nossa sociedade.

A globalização com o seu imperialismo alimenta as fugas das pessoas, cria deuses para seduzir o povo, e arrebenta com a sua identidade. As pessoas são identificadas pelo *ter*, perdendo a dimensão do *ser*, rompendo assim a aliança com Aquele que É. Para estar ligado a Deus é preciso reencontrar a dimensão do *Ser* pessoa.

O livro de Jonas nos desperta para a necessidade do “*Cuidar do Ser*”<sup>23</sup> ou “*Saber Cuidar*”<sup>24</sup>. Faz-se urgente o resgate da pessoa humana em suas relações, identidades e culturas. Ajudar cada um a se dar conta de que estamos todos em meio a uma grande tempestade. O barco é o planeta terra. A crise de uns envolve a todos, principal-

23. LELOUP, Jean-Yves. *Cuidar do ser*. Vozes: Petrópolis, 1998.

24. BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Vozes: Petrópolis, 1999.

mente os mais pobres. Não adianta mais pensar de forma mecânica, a solução está no despertar de todos, numa visão mais holística e planetária<sup>25</sup> para vivermos uma ética do cuidado, a fim de sermos amor e misericórdia, rompendo o medo de amar. Voltaremos ao *ser*. Voltaremos a Deus, concluindo o seu projeto: o de *ser* imagem e semelhança.

### **Bibliografia**

ALEXANDER, T. Desmond. *Série Cultura Bíblica*. São Paulo, 2001.

JUNG, C.G. *O Eu e o Inconsciente*. Vozes: Petrópolis, 1997.

KILPP, Nelson. *Jonas*. Vozes/Sinodal: Petrópolis, 1994.

LELOUP, Jean-Yves. *Caminhos da Realização*. Vozes: Petrópolis, 1999.

— *Cuidar do Ser*. Vozes: Petrópolis, 1998.

*Alexandre Rangel*  
SDS Ed. Boulevard. Center Bl. A SL 422  
Brasília – DF  
70391-900  
perei@terra.com.br

<sup>25</sup>. BOFF, Leonardo. *A civilização planetária*.